





JOÃO DE SANTA BARBARA

LITH DE J. ALVES LEITE

# REVISTA

DO

## PARTHENON LITTERARIO

TERCEIRO ANNO

JUNHO DE 1874

---

PORTO ALEGRE  
IMPRESA LITTERARIA

1874

AT&T

PARCEL SERVICE

NOV 10 1964

NOV 10 1964

## ESBOÇO BIOGRAPHICO

---

### O PADRE MESTRE J. DE SANTA BARBARA

Quando um vulto importante por sua sabedoria e suas virtudes, e por isso digno de ser apontado a figurar na galeria dos homens notaveis, desaparece da terra, nós obreiros ainda que fracos da grande obra do futuro devemos recordal-o.

A historia de uma vida cheia de austeridade, de uma vida inteiramente devotada á causa da virtude o á causa das sciencias, deve sempre interessar áquelles que comprehendem os elevados sentimentos, e é por isso que vamos hoje dizer algumas palavras a respeito de um ente que a morte arrebatára, e cuja existencia foi cheia de edificantes exemplos; fallamos do padro mestre João de Santa Barbara.

Comquanto tenha o *Parthenon Litterario* dado preferencia em sua *Revista* ás biographias dos filhos da provincia, não podemos mesmo assim furtar-nos ao desejo de offerecer aos leitores a d'este distincto várão, filho da provincia de Santa Catharina; entro nós passou elle a maior parte da sua vida, entro nós falleceu, tendo prestado relevantes serviços a provincia.

Não sabemos o dia em que nasceu o padre Santa Barbara, mas foi no anno de 1786, na cidade da Laguna, tendo sido seus pais João Ignacio do Canto e D. Francisca Rosa Gomes, que segundo informações que temos vivião medianamente.

Ali conservou-se elle em companhia de seus pais até a idade de 10 annos, tendo sido depois mandado para o Rio de Janeiro, aonde existia uma tia sua, a cujos cuidados foi confiado.

Tendo feito os seus primeiros estudos em um collegio particular, aos 16 annos de idade entrou para o mosteiro de São Bento onde professou.

Fez-se ali notavel por seus talentos e nobres qualidades, e mereceu sempre a estima de seus superiores.

Em 1810, tendo obtido licença, veio para esta provincia, e foi residir na villa de S. João da Cachoeira onde então existia sua velha mãe, já viuva e paralytica.

Filho extremoso a sua vida deslisava-se acalentada pelo santo amor d'aquella que lhe cobria de bençãos, ainda que de instante lhe turbasse a placidez o pezar de ver sua mãe ferida de terrivel enfermidade.

Pouco tempo depois, secularisando-se, obteve o padre Santa Barbara, em concurso que fez em 5 de Fevereiro de 1821, a cadeira publica de philosophia, materia que leccionou até 30 de Junho de 1868.

Ainda algumas pessoas entre nós existem que ouvirão as suas palavras ungidas de sabedoria e que com saudade recordão-se do grande mestre que tiverão.

A cloquencia desprendia-se-lhe dos labios em phrases reçumbantes de verdades, e a convicção calava na consciencia d'aquelles que o admiravão.

E não foi só na cadeira de philosophia que o padre Santa Barbara firinou a sua reputação de sabio, exerceu tambem com brilhantismo varios cargos de eleição popular; foi nomeado deputado ás côrtes de Lisboa, e de 1832 a 1836 teve assento na camara temporaria, onde prestou relevantes serviços á sua patria, continuando depois a prestal-os na assembléa provincial, onde tambem teve assento e por diversas vezes.

Orador consummado, quer no pulpito, quer na tribuna, seus discursos imponentes preudião a atenção e impunhão respeito aos ouvintes.

Cada palavra que de seus labios partia era uma maxima moral, era um dogma sublime.

Homem illustre por mais de um titulo, adepto fervoroso de tudo que era grande, exultava com o progresso de sua patria, e a sua voz erguia-se despertando no povo todos os grandes sentimentos.

E na verdade podia-o fazer; aquella alma pura e exercitada na mais santa moral, aquelle espirito brilhante e robustecido na fé podia illuminar o povo apontando-lhe a senda da verdadeira felicidade.

E quem não conheceu o padre Santa Barbara? Quem lhe não vio a fronte encanecida assellada pelo genio e aurcolada pela gloria?

Ninguem; porque o povo, quando o via, respeitosa e cor-tejava-o desde o indigente até o mais sobranceiro opulento.

E' que n'aquelle vulto existia a superioridade, é que n'aquel-

le vulto encarnava-se o merito que, despido de falsos ouropeis, sempre infunde respeito.

E quereis uma prova a attestar mais os grandes meritos do padre Santa Barbara?

Quando vagou o bispado da provincia, por fallecimento do sempre lembrado bispo D Feliciano, foi o padre Santa Barbara consultado se accitaria a mitra rio-grandense: elle não a accitou, e tendo sido pouco depois instado pelo barão da Uruguayana que então presidia a provincia, respondeu que nem um throno accitaria.

Só este facto basta para pôr em relevo a alma do padre Santa Barbara.

Preferio á honra de ser prelado a vida tranquilla de philosopho dedicando-se ao estudo que para eile era como que uma coução de existencia.

Quem deixaria de, cheio de orgulho, accitar o poder que faz a ambição de todos?

Nó emtanto o grande philosopho bem comprehendendo o que valem as cousas mundanas cria-se feliz no seu retiro, onde encontrava nos livros, n'essa sociedade constante e representada por homens de todos os paizes e de todos os seculos, um doce encantamento.

A vida do padre Santa Barbara foi, pôde-se assim dizer, quasi toda dedicada ao magisterio; leccionou no antigo Lyceu d'esta capital, no seminario e em muitos collegios particulares, e era ultimamente examinador synodal.

Quando pela vez primeira veio á provincia o Sr. D. Pedro II, fez-se ouvir no pulpito, cremos que pela ultima vez, o padre Santa Barbara, que tambem pelo mesmó monarcha foi ouvido em sua propria casa na cadeira de philosophia. Distinguio-o então S. M. com o habito de Christo, unica condecoração que possuia e a que soube honrar como soubera merecer.

Eis resumidamente a vida do padre Santa Barbara, fallecido em 5 do Julho de 1868, um dos mais distinctos filhos do paiz, uma das mais legitimas glorias do clero brasileiro.

Fomos sem duvida deficiente n'este esboço, que devera ter sido confiado a alguma penna illustrada, mas poucos dados nos forão ministrados, e nos cremos mesmo dispensado de tecer elogios áquelle cuja vida foi um conjuncto de virtudes.

A. S.

# APONTAMENTOS

HISTÓRICOS, TOPOGRÁFICOS E DESCRIPTIVOS DA CIDADE DO  
RIO GRANDE

DESDE O SEU DESCOBRIMENTO E FUNDAÇÃO ATÉ A PRESENTE DATA

POR

CARLOS EUGENIO FONTANA

---

## I

Faltando entre os livros destinados ao ensino um que trate sobre a historia de nossa provincia, animei-me a confeccionar este imperfeito compendio de apontamentos, para supprir em parte aquella falta.

Sem desconhecer a minha inhabilidade para tão importante trabalho, que requer habilitações que não possuo, decidi, animado por alguns amigos, a dar publicidade a este pequeno esboço, que talvez possa ser util á mocidade estudiosa.

Julguei conveniente tomar por ponto de partida a data do descobrimento do Brazil, por Pedro Alvares Cabral, e do Rio da Prata por João Dias Solis, relacionando a conquista e povoamento dos Estados do Rio da Prata em toda sua comprehensão primitiva, pois estes acontecimentos prendem-se muito a narração que tenho a fazer sobre o Rio Grande.



Para coordenar isto tenho consultado os ensaios historicos do Deão Funes, os traços historicos de Pedro de Angelis, e as viagens á America Meridional por Felix de Azara.

Além d'esses, tenho alguns manuscritos ineditos, folhetos, memorias, biographias, etc., documentos authenticos, que poe-me em contacto com os principaes acontecimentos, e eis porque me animei a vir hoje offerter estes toscos apontamentos á mocidade rio-grandense.

Ao publico pois, peço indulgencia para este pequeno fructo de minha dedicação ás lettras.

## II

Principiava o seculo XVI, e ainda admirada a Hespanha da descoberta da America pelo inamortal Colombo, na noite de 11 de Outubro de 1492, quando com surpresa soube que um novo navegante portuguez, sahido do Tejo a 9 de Março de 1500, desembarcava nas plagas de uma região desconhecida e d'ella so apossava em nome do senhor rei de Portugal D. Manoel.

Esse navegante era Pedro Alvares Cabral, que tendo sahido de Lisboa com uma armada de treze vellas, com destino a India, ao cabo de 40 dias de viagem não interrompida, avistou terra firme a 22 de Abril, descobrindo assim o Brazil, cuja costa já tinha sido reconhecida tres mezes antes por Vicente I. Pinzon, quando descobriu o rio Amazonas.

A 25 do mesmo mez derão fundo as náos de Cabral na bahia de Porto Seguro, saltarão os navegantes em terra no dia 27 e tomarão posse do territorio brazileiro em nome de el-rei de Portugal, plantando uma cruz, que apellidarão santa, como signal de conquista, a 1.º de Março, e sem perda de tempo foi despachado em uma caravella Gaspar de Lemos, para levar a el-rei tão importante noticia.

Este facto induzio os reis de Hespanha a occupar de um modo permanente as terras que descobrissem seus vassallos dentro da demarcação determinada por bulla de Alexandre VI de 4 de Maio de 1493.

Deve-se ter presente que desde o tempo das cruzadas, tinham costume os reis catholicos reconhecer no successor de S. Pedro, soberania sobre as terras occupadas por infieis.

Para evitar discordia entre estas nações rivaes, foi que se expedio a dita bulla, pela qual se dividião os dominios das corôas de Portugal e Hespanha, por uma linha imaginaria traçada de polo a polo a cem leguas ao oeste da ilha dos Açores, cedendo

por ella aos reis de Castella e seus successores todas as ilhas e terra firme descoberta e por descobrir dentro da referida linha. Não durou muito, porém, que os reis de Portugal exigissem o prolongamento d'esta, e em 1494 as coroas de Portugal e Hespanha celebrarão o tratado de Tordesillas, pelo qual devia collocar-se a linha 370 leguas ao oeste das ilhas de Cabo Verde.

Passou-se algum tempo sem que a côrte hespanhola levasse a effeito expedições para descobrir novas terras, até que a 28 de Junho de 1508, forão mandados Vicente I. Pinzon e João Dias Solis ao porto de S. Lucar com duas caravellas a descobrir terras ao sul. Correrão a costa do Brazil, explorarão a bahia do Rio de Janeiro, passarão pelo Rio da Prata sem descobri-lo, chegarão até os 40 grãos lat. sul, regressando d'ahi para Hespanha em Outubro do anno seguinte, com as observações feitas

Por morte de Americo Vespucio, foi nomeado João Dias Solis, piloto mór de el-rei, gradação equivalente a de almirante, em Março de 1512.

A 8 de Outubro de 1513, sahio Solis do porto de Lepe com tres caravellas. Tocou nas ilhas Canarias, correu a costa do Brazil, seguindo sempre a sua primeira derrota, montou o Cabo de Santa Maria, e continuando a percorrer a costa, achou-se em uma grande enseada e internando-se n'ella, reconheceu ser de agua doce, e denominou-a Mar doce, que depois passou a chamar-se Rio da Prata.

Seguindo rio acima, foi dar com uma ilha aos 34 grãos 40', onde deixou ancoradas duas de suas caravellas, continuando elle com uma das mais pequenas a reconhecer a costa immediata. Chegou á ilha que denominou Martim Garcia, nome de seu piloto, dirigindo-se depois á margem oriental, onde apparecerão alguns indios que mostrarão-se surpresos da apparição dos hespanhóes.

Solis desembarca com dois de seus officiaes e outros companheiros, para reconhecer a terra, plantar a cruz de Christo e tomar posse d'aquellas regiões em nome do rei de Castella.

Infelizmente um grupo de indios *charruas*, emboscados, caího de improviso sobre Solis e sua comitiva, matando o illustre navegador e seus companheiros Alarcán, Marquina e seis mais, ficando ferido e em poder dos indigenas o alferes Francisco Puerto, que os selvagens deixarão vivo para depois saerifical-o no banquete de seus triumphos.

Morto Solis, assumio o commando da flotilha o immediato Francisco Torres, regressando para Hespanha com a noticia da descoberta de um novo territorio e a infausta nova da morte de seu descobridor, dando então ao Mar doce o nome de Mar de Solis, em honra á sua memoria.

Assim realizou-se a descoberta do Rio da Prata e do territorio da banda Oriental do mesmo rio em 1516, regando-o com seu sangue o intrepido Solis que o descobrira.

### III

Em 1º de Agosto de 1531, Martins Affonso de Souza deixou o porto do Rio de Janeiro com uma frota de duas náos e tres caravellas, e seguindo rumo sul proseguia nas explorações.

Após doze dias de viagem feliz, chegou a Cananéa e mandou á terra seu piloto Pedro Anez, conhecer os indigenas que habitavão aquelles lugares. Cinco dias depois, regressou este para bordo acompanhado de Francisco Chaves, um bacharel e seis castelhanos que ali existião desde 1501, epocha em que naufragarão.

Martins Affonso demorou-se em Cananéa 44 dias, durante os quaes espessos névoeiros o impedirão de ver o sol. A 23 de Setembro singrou com rumo sul e motivado por fortes ventanias de S. E., naufragou a 26 de Outubro, a quem da entrada do Rio da Prata, em praias arentas, junto a fóz do Arroio Chuy. Este naufragio custou a vida de sete pessoas, além da perda da não chefe, onde se achavão todos os viveres.

A má estação e os reparos de que carecião os navios da frota, fizeram com que Martins Affonso convocasse um conselho de officiaes, onde se deliberou que, — visto o Rio da Prata ficar além da linha traçada pelo tratado de Tordesillas e ser impossivel a continuação das explorações em tal estação, que regressasse a frota, ficando para reconhecimento das margens do Chuy uma caravella com 30 homens, commandada por Pedro Lopes, que ficava incumbido de assentar padrões e tomar posse em nome da corôa portugueza. Esta commissão foi satisfactoriamente desempenhada por Pedro Lopes, que se collocou na altura da confiança depositada em seus merecimentos.

Pedro Lopes, explorou o arroio Chuy e foi o primeiro europeu que pison o territorio da hoje provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

O arroio Chuy nasce no municipio do Rio Grande, perto da lagoa Mangueira, corre para o nascente e lança-se no Atlantico, servindo de limite meridional ao imperio do Brazil.

IV

As primeiras explorações feitas no interior da provincia do Rio Grande do Sul, foram no anno de 1715, em que por ordem do governador do Rio de Janeiro, o capitão mór Francisco de Brito, sahio da Laguna uma partida, e depois de ter explorado o ferreo comprehendido entre a Laguna e S. Domingos Sersano, da banda oriental do Uruguay, foi no seu regresso aprisionada pelos índios *Miramonos*, de cujo captiveiro só mais tarde logrão escapar as pessoas que compunhão a partida. Segunda partida se succedeu sem obter maior resultado, até que em 1735 uma expedição da capitania de S. Vicente, avançou até a Vaccaria.

N'esse mesmo anno o brigadeiro Miguel de Salcedo succedeu a Zavala no governo do Rio da Prata, e então o governador da colonia do Sacramento Antonio Pedro de Vasconcellos, que tratava de estender o dominio portuguez na margém oriental, mandou grande numero de familias para o Rio Grande e aproveitando a viagem do brigadeiro José da Silva Paes, que ia á Colonia levar soccorros, incumbia-o de fortificar o Rio Grande.

Com effeito, em 1737 entrou elle á barra, e no littoral onde se ergue a florescente e tão augmentada cidade do Rio Grande, fez construir alguns fortes, fundando, com auxilio de alguns paulistas e catharinetas, a povoação de Santa Anna, uma legua pouco mais ou menos da cidade actual, da qual ainda se encontrão alguns vestigios.

Os habitantes do primeiro povoado foram 500 soldados portuguezes sob as ordens do mestre de campo Domingos Fernandes.

Batido e feito prisioneiro Fernandes com sua gente pelo official de dragões hespanhol Esteván del Castello, que com uma grande divisão percorreu estes lugares, ficou sem effeito o primeiro povoado.

Entretanto, continuava o cerco da colonia do Sacramento pelos hespanhões, quando Silva Paes, reforçado com tropa e artilheria veio apoderar-se do Rio Grande em 1741.

Com effeito, toma posse, fortifica o littoral e estende progressivamente sua dominação a umas sessenta leguas de territorio abundante de gado, faz construir fortes, toma a fertaleza e serra de S. Miguel e a do Cerral Alto, reedifica de terra e barro o forte de S. Miguel, guarnece-o com 6 peças, avançando até estabelecer uma guarda nas margens do Chuy, occupando até Castillo Grande.

O brigadeiro Miguel de Salcedo, governador do Rio da Prata, dirigio-se ao commandante das novas povoações do Rio Grande,

Ribeiro de Coutinho, protestando contra aquellas occupações e intimando a retirada.

Foi trabalho baldado.

O gallardo pavilhão das quinás continuou a tremular altivo, a despeito das intimações do governo de Castella.

## V

Depois da posse do Rio Grande, pelo brigadeiro José da Silva Paes, o novo povoado de Santa Anna foi mudado para a margem meridional do rio, em um terreno ao nível do oceano, rodeado de pantanos e cômoros de areia, que é actualmente o mesmo occupado pela cidade.

Em 1742 as tropas existentes no Rio Grande, revoltarão-se contra seus legitimos chefes, pela falta de soldo e fardamento; porém logo entrarão por expontanea vontade em seus deveres.

Até o anno de 1747 a nova povoação pouco progredia por existirem unicamente as familias das tropas por ali estacionadas, porém n'esse mesmo anno, com a vinda de casaes açorianos, tomou novo incremento, e principiou a chamar a attenção do governo portuguez.

A 17 de Julho do dito anno, por provisão do conselho ultramarino foi-lhe concedido o foral de villa, mudando o orago Santa Anna para S. Pedro e elevada á parochia.

Já então augmentava a população da nova capitania, e á proporção das continuadas guerras entre portuguezes e hespanhóes, para suas colonias transplantada, crescia ella em forças, e mais augmento teve pela introdução de mais de quatro mil casaes vindos das ilhas Madeira e Açores, perseguidos pela fome que lá os assolava.

Esta provincia pôde contar-se como uma das mais felizes do imperio, pois não teve por povoadores gente tirada do Limociro e outras cadêas de Portugal, como aconteceu a algumas.

Continúa.

# ESBOÇO BIOGRAPHICO

D. LUCIANA MARIA DE ÁBREU

IV

Deixamos para esta parte uma pagina brilhante da vida de D. Luciana.

Tinha apparecido no *Parthenon Litterario* a idéa de *sarás*, reunião de familias dos socios para um entretenimento de dança e de algumas leituras ou recitações; era uma cousa que trazia seus inconvenientes e o mais palpavel, era o descuido do fim principal da instituição, podendo ella degenerar, em *sociedade de dança*.

Esta consideração fez recuar alguns prestantes membros da casa, mas em fim, foi melhor estudado o pensamento, e resolveu-se que se darião os sarás tendo por fim reunir o bello sexo para ouvir *uma prelecção*, e entre os prazeres gymnasticos da dança, e da reunião familiar ouvir discursos e poesias, que lhe doiravão o entendimento.

Nós, na qualidade de presidente honorario do *Parthenon*, applaudimos a idéa, e procuramos dar todo o desenvolvimento a prelecção fazel-a versar sempre sobre materias importantes que illustrassem o espirito da mulher. A necessidade da *educação da mãe de familia* prendia-nos o espirito.

Havião-se já dado algumas prelecções, sempre sobre a educação da mulher, quando nos lembramos de levar á tribuna uma das nossas intelligentes moças; os nossos olhares dirigirão-se naturalmente sobre a professora da aula publica do 3º districto da capital, era D. Luciana a que, no nosso entender, podia tomar com vantagem a tarefa de fazer apparecer o sexo amavel entre os

oradores do *Parthenon*, onde se reúne a esperançosa mocidade da provincia.

D. Luciana veio, á nosso pedido. sem pretenções, sem vaidades, só consciã do seu dever, assumindo a responsabilidade de representante da mulher rio-grandense, mesmo da mulher brasileira, dizer a sua palavra de joven intelligente e illustrada, da mãe e preceptora, e essa palavra, e esse discurso, e os dotes de oradora que panteteou ante o numeroso e escolhido auditorio que a-ouviu; foi um verdadeiro acontecimento, esplendido triumpho, uma corôa que aureolou a sua fronte espaçosa, mas pallida pelas vigílias a que a tem obrigado os sacrificios constantes de sua vida.

No momento em que a sua voz fluente, clara. incisiva cahia sobre a multidão, uma corrente electrica de admiração e de respeito profundo atravessava todos os corações, mesmo dos scepticos, dos que havião dado um riso de mófa em resposta á nossa lembrança.

Ao esplendido triumpho da novel oradora, da preleccionista conscienciosa e illustrada, respondeu o *Parthenon* com um bravo prolongado no dia 31 de Janeiro d'este anno, fez uma magnifica ovação á preleccionista, que em 20 de Dezembro ultimo collocara sobre sua fronte modesta a corôa litteraria.

O salão do *Parthenon* abriu-se de em par para a sociedade porto-alegrense, e o estrepito de seus triumphos achou echo no generoso coração das rio-grandenses que no lar da familia nutrem as aspirações do progresso e da liberdade. Uma commissão de Sras., nomeada por minha querida consorte, promoveu uma subscrição para honrar a representante digna de seu sexo, dando em presente a joven oradora que memorasse a sua gratidão e acquiescencia ás idéas que havia emittido.

D. Luciana recebeu das Sras. de Porto Alegre um tincoiro primoroso de prata, uma canêta de ouro e um album. Poderia ter ainda recebido em honra sua um baile que lhe estava destinado, em que devia ser corôada e festejada com bonitas poesias e discursos, si a *inveja*, as idéas pequenas não tivessem vindo empanar o brilho do enthusiasmo que apparecia no coração santificado pelas idéas grandes, sempre purificado pelo sacrificio em favor do filho e do esposo, das nossas bôas, das nossas candidas mulheres.

Mas nem por isso D. Luciana deixou de comprehender, que não está sobre um terreno esteril, que esse vivo amor de liberdade e de virtude, de estudo e de progresso, das nossas mulheres, não será sem fructo; que um dia a nossa terra ha de vêr muitas intelligencias elevadas, muitas aptidões proveitosas honrarem a mulher brasileira.

A *Revista* dando aqui o retrato da distincta preleccionista abre

margem ás aspirações femininas, cria um lugar a que podem aspirar nossas filhas nossas presadas patricias.

V

O futuro tem o direito de perguntar ao presente quaes as conclusões do discurso, da preleção de D. Luciana, no dia 20 de Dezembro de 1873, ante o auditorio illustrado do *Parthenon*.

Vamos dal-as textualmente :

« A sociedade moderna tende a reconhecer os direitos da mulher, abre campo ao seu desenvolvimento moral e intellectual. »

« As universidades da Suissa e dos Estados-Unidos, paizes livres, dão testemunho da capacidade intellectual da mulher. »

« O Brazil deve acompanhar o movimento progressista e civilizador da época. Deve abrir os cursos scientificos, ao sexo feminino e animar a sua vocação nas sciencias, nas artes e na industria. »

« A mulher educada e convenientemente illustrada é a que melhor preenche os deveres de sua sagrada e triplice missão de filha, esposa e mãe. »

« A sociedade que honra a mulher moralisa-se; a que a escravisa perverte-se. O Brazil caminhará desaffrontado no futuro para a sua civilização e engrandecimento, educando e elevando a mulher pela sciencia e pela liberdade. »

VI

Ouvirá o paiz a voz autorisada e conscienciosa de D. Luciana d'Abreu da preleccionista que soube ser o echo de um grande e humanitario pensamento, de uma indclinavel necessidade moral, da liberdade da mulher.

Diz-nos-ha o futuro

.....  
A redempção humana não é mais um problema, os grandes principios sociaes tem o seu dia proximo de realisação e de verdade pratica. ....

DR. JOSÉ ANTONIO DO VALLE CALDRE E FIÃO.

Perto Alegre, 15 de Maio de 1874.



# OS FILHOS DA DESGRAÇA

---

## ACTO I

(12 ANNOS DEPOIS)

O theatro representa uma sala modestamente mobilhada. Porta e janellas no fundo, portas lateraes

### SCENA I

Carolina cozendo junto a uma janella e Maria sentada n'uma banqui-  
nha cortando vestidos que se vêem ao redor d'ella.

CAR. (*lançando um olhar para a rua*) — Mamã, como está  
tão bella a tarde!

MAR. — As tardes sempre são bellas para os que podem go-  
zar-as, mas para nós!

CAR. — Para nós, que tem?

MAR. — Para nós que por unica consolação temos um assiduo  
trabalho, ellas não nos servem... são sempre as mesmas, não  
mudão, encontrão-nos em continua lida.

CAR. (*com ar de reprehensão*) — O' mamã! Não o diga...  
se soubesse como a alegria da natureza expande-me o coração,  
não diria isto... Quando o céu está como hoje, sem uma nuvem,  
com a mais delicada côr de anil, quando os passarinhos cruzão  
os arés cantando o uma tão agradavel aragem sopra sobre a var-

zea, eu sinto tanto prazer que não saberia mesmo desfruir-o... Minha alma recebe doces emoções, esvoaça nos campos, nos céos, emfim em tudo que a cerca.

MAR. — Tens razão, filha... Eu pronunciei uma blasphemia... O que vem de Deus, deve ser recebido com solicitude. Por ventura não somos felizes em nossa pobreza? Não temos alegrias puras e innocentes? Quantas outras em peiores condições não recebem com serenidade de espirito mais fundas e cruéis feridas?

CAR. (*lançando um olhar para a rua*) — E' verdade, mamãi, o Sr. Fabio ficou de vir hoje!

MAR. — Sim (*A' parte*) Pobre filha! Só pensa n'elle. (*Alto*) Carolina, tenho feito reparo que ha alguns dias andas tão distrahida que até esqueceste tua pobre patativa.

CAR. — Não sei mesmo... Sinto-me satisfeita contemplando os céos de dia todo cheio de resplendores, de noite todo cheio de estrellinhas; jubilo-me com o manto verde dos bosques, com os passarinhos, com a varzea esmaltada de mil flores. mas não sei que tristeza vem ás vezes magoar-me fundamente... E' um aperto de coração, um frio que me gela de subito... não sei o que quero e porque soffro... Como que tento adivinhar, como que me falta alguma coisa que faz-me entristecer.

MAR. — Tu pensas muito no Sr. Fabio, não é Carolina?

CAR. — Pelo que?

MAR. — Fallas tanto n'elle... admiras tudo o que elle faz...

CAR. — Faz mal, mamãi? Elle parece tão bom!

MAR. — E é um bom moço, bonito, affavel e obsequioso; porém, crê-me, minha filha, uma moça pobre não deve pensar n'um moço rico.

CAR. (*com tristeza*) — Pois bem, não pensarei mais n'elle. (*Olhando para a rua*). Olhe, o Sr. Fabio ali vem...

MAR. (*á parte*) — Innocente criança! (*Alto*) To's abre-lhe a porta.

CAR. (*com hesitação*) — E devo ficar aqui, mamãi?

MAR. — Porque não?! Não penses mais n'elle, que nunca será teu marido...

CAR. — Não falle assim... eu não disse semelhante coisa. (*Batem á porta. Ella vai abrir-a*).

SCENA II

Os mesmos e Fabio que entra. (Comprimentão-se)

FAB. (*saudando-as*) — Então as senhoras como estão?

MAR. — Perfeitamente bem. Não pergunto por sua saúde, porque os moços sempre a gosão. Como vai Carlota e o Sr. Bazilio?

FAB. — Carlota sempre alegre e travessa, o Sr. Bazilio preocupado com altas especulações. (*Como que lembrando-se*) Ah! D. Carolina, Carlota disse-me que hoje viria visitá-la...

CAR. — Carlota!? Ella que ha tanto esqueceu-me, quererá vir novamente á casa de sua pobre companheira de infancia?

MAR. — Sentemo-nos. (*Sentão se*).

FAB. (*A' Carolina*) — E' verdade. Ouvio-mo tão bem fallar de seus attrativos, modestia e virtudes que forçosamente é levada a reatar as relações interrompidas na infancia.

CAR. — Ah! Sr. Fabio, fez mal!...

FAB. — Em dizer o que a senhora era? ou não gosta de Carlota?...

CAR. — Porque havia de querer-lhe mal... Quando eramos crianças, estimavamo-nos tanto!

FAB. — Mas D. Maria, seria indiscrição já que se trata d'isto, perguntar-lhe a razão porque deixou de frequentar a casa de meu pai?

MAR. — Não ha indiscrição... Depois da morte de meu marido não visitei a mais ninguem... Tenho sempre tanto que fazer, que á noite, exausta de fadiga, não me animava a sair.

FAB. — Eu tinha mais algumas questões a fazer-lhe, D. Maria, mas temo ser importuno; é um negocio que me toca de mui perto e que, apesar de 15 dias de indagações e pesquisas, inda nada pude colber.

MAR. — Falle, Sr. Fabio. Sabe perfeitamente que não somos do cêremonia.

FAB. — A senhora conheceu a mulata Luiza, que foi escrava de meu pai?

MAR. --- Muito.

FAB. -- Sabe qual foi seu fim?

MAR. — Morreu do cholera, segundo ouvi então dizer.

FAB. — Celebre coincidência! No dia e talvez na hora em que eu partia, ella tombava exangue á epidemia!

MAR. — Eramos quasi da mesma idade... Porém que fim levou seu filho Gabriel? Até hoje ninguém mais soube d'elle.

FAB. — Canso-me em procural-o, e ninguém dá-me a mais ligeira noticia. Meu pai disse-me que lhe passára a carta de alforria e o entregára a uma irmã de Luiza; mas nem essa mesma encontrei, em vão a busco. Ha um cháos, um véo de obscuridade sobre a vida do desgraçado Gabriel.

MAR. — E' incomprehensivel na realidade. No emtanto o Sr. Bazilio devia ter mais importantes revelações.

FAB. — Meu pobre pai tem tantas preocupações, tem tanto trabalho que não curou mais de Gabriel, depois que Luiza morreu; julgava-o em plena segurança. Todavia tem algumas duvidas sobre o estranho acontecimento, e por vezes manifestou-me o receio de que a tal irmã de Luiza não fosse uma impostora, e de que a innocente criança não cahisse em novo captivo. Póde ser; porém não deixa de ser uma conjectura, como mil outras, que podem sobrevir, sem nada adiantar.

MAR. — O que é certo Sr. Fabio é que nunca soube que Luiza tivesse uma irmã.

CAR. — E o filho de Luiza era bem bonitinho. Então eu tinha sete annos e me lembro como se fosse hoje. Eu o estimava por estar sempre risonho e satisfeito com todos. Tambem quando o encontrava, mil abraços, mil beijos e affagos lhe distribuia, razão talvez porque sua mãe me dispensou sempre a mais materna affeição.

FAB. — Por mais que indague, nada colho, em toda a parte a mesma incerteza.

### SCENA III

Os mesmos e um criado que entra

CRIA. — D. Maria, minha senhora manda pedir que vá provar-lhe o vestido.

MAR. (*A Fabio*) — O Sr. ha de dar-me licença...

FAB. — Sem ceremonia... Não desejo de modo algum interromper-lhe em seus trabalhos.

MAR. (*á Carolina*) — Carolina fica com o Sr. Fabio, enquanto vou aqui na visinhança (*ao criado*) Toma aquella caixa e vamos. (*Cobre-se com um cháos e sahem*).

SCENA IV

Fabio e Carolina

CAR. — E' verdade, Sr. Fabio, que casa com Carlotinha?

FAB. — O sabe?

CAR. — Não mo lembra agora quem me disse. O senhor ha de ser feliz.

FAB. (*com tristeza*) — Feliz! Pelo que? Crê que ha felicidade para mim? Se soubesse o martyrio que soffro, as lagrimas que verto no retiro de meu gabinete, as lutas que me vão pela alma e o coração que se estorce cada dia que passa entre os mais varios sentimentos, por certo não me supporia feliz. Para a criança abandonada, para o filho talvez d'um crime, ha um eterno sofrimento; em cada marco que pára, deixa uma baga de pranto, cada vestigio que estampa no areal da vida assignala sempre... sempre a solidão dos affectos, o desespero da duvida e a crueldade da experiencia. Creia-me que ninguem lembraria meu nome, se uma eventualidade espantosa não me tivesse feito adquirir riquezas no commercio.

CAR. — E o amor de Carlotinha não é por si só uma garantia de venturas e d'um futuro brilhante? E que boasinha não ha de ella ser! E' bella, rica... que aspira mais, Sr. Fabio?

FAB. — Aspiro uma esposa... sómente... não engane se com o colorido das apparencias sempre vario e fallaz... Meu pai deseja casar-me com Carlota, temo offendel-o, recusando tão sincero e nobre offercimento; e no entanto agoniso, estremeço por meu futuro, e supporto silenciosamente as mais acerbias dores. As dividas do coração são eternas; impõem até o supplicio. Carlota é de boa indole, tem excellentes attributos, que não lhe vem da educação que recebeu, porém da propria natureza. Todas as suas faltas são filhas dos preconceitos e pessimas ideias que deixarão germinar e expandir-se-lhe no coração. E' por vezes tão caprichosa que desesperaria o genio mais fleugmatico, a mais inabalavel paciência.

CAR. — Eu não o crêra, se outros me dissessem.

FAB. — Tam'bem a senhora é a primeira pessoa a quem abro meu coração assim.

CAR. — Eu?!

FAB. — Consenti ao menos D. Carolina, que a considere como uma irmã que muito préso...

CAR. (*commovida*) — Sim...serei uma irmã digna do senhor...serei eu quem levará o balsamo ao seu coração... Con-sente tambem?!

FAB. — Agradecido... Sabe realmente derramal-o.

CAR. — E tambem lhe darci conselhos, não é?

FAB. — E' o que deve fazer uma boa irmã.

CAR. — Eu sei e vou desde já dar-lhe um. O senhor disse: Carlota tem boa indole, mas os defeitos de educação são muitos. Oiga: Tenho uma planta, uma madre-silva. Eu amo as flores e sobretudo as madre-silvas. Tem um perfume tão agradável! Eu queria formal-a em latada, sob a qual nos dias calmos do verão me sentasse e fruisse apraziveis horas, trabalhando á sombra. Os galhos que se erguião, comecei por dobral-os; mas havia muita difficuldade, a plantação fôra malfeita, e o tronco prestava-se em sentido inverso. Liguei-os para sujeital-os á minha vontade. Muitos rebentaráo os atilhos, liguei-os de novo, e hoje a latada satisfaz tudo o que eu desejava... Entendeu-me, Sr. Fabio? A mulher é como a madre-silva.

FAB. — Nem tudo é do dominio da arte. O estatuario muitas vezes arroja longe de si o cinzel ante a impossibilidade da execução. O mal é tambem como uma planta; aquelle como esta tambem cria raizes, e para arrancal-as é necessario destruir uma existencia inteira.

CAR. — Ao menos confio na intelligencia do senhor.

FAB. — D. Caròlina, T. manthes, um illustre pintor grego, tendo um dia que desenhar a tristeza e a afflicção sobre a physionomia de um de seus personagens, e achando impossivel reproduzir com fidelidade o sentimento, sabe o que fez? Correu um véo sobre o rosto difficil em dar expressão. Eu faço o mesmo.

CAR. — Pois faz mal.

FAB. — Não quero entrever o que ha de vir, lanço-me a tatear em trevas; corro tambem um véo sobre o meu futuro. Ao homem, cujo berço foi bafejado pelo infortunio, ao orphão, cuja vida é uma longa cadêa, onde cada élo resume uma lenda de misérias, que importa mais um periodo de angustia?! Que importa?! Se ha uma divida de gratidão, que é necessario pagar, embora custe-lhe a propria vida?

CAR. — Mas haverá uma moça assim? Carlota?! O' perdôe, mas não posso acreditar-o.

FAB. — Ingenua criança que admiro!... Carlota tem hoje um capricho, quêr vel-a, e ha de vir. Não attenda ao que eu disse. Considere-a, abstrahindo de minhas ponderações e amanhã responda-me. Até amanhã. (*Comprimentão-se. Elle sahe*).

SENA V

Carolina só

CAR. — Será amor que sinto por Fabio?! Como se me retalhava o coração ao ouvir o nome de Carlota? Como eu tremia, receiando que meus labios não fizessem a menor censura? Que ineffavel alegria quando Fabio mostrou-m'a em seus defeitos? Será isso amor? Ao lado d'elle alegre-me, sorrio, tenho frio e febre ao mesmo tempo... Elle é bello, intelligente e nobre. Será isto amor? (*Ouve-se o rodar de uma carruagem que pára perto*) Quem será!? Será Carlota?... Carlota! Mas o que disse mamãe? Ama-me Fabio? Como poderá elle saber que dou-lhe mais que o amor de irmã que me pedia?... Meu Deus!... Que farei? O' como elle tambem correrá um véo sobre meu futuro! (*Batem á porta*) E' Carlota... meu coração o adita, porque estremece angustiado... (*Vai á porta, e abre... Carlota entra, complimentando-a*).

SCENA VI

A mesma e Carlota

CARL. (*com ar de sarcasmo*) — E' aqui a casa da costureira Maria?

CAR. — Sim, minha senhora. Queira sentar-se. (*á parte*) Faz que não me conhecé!

CARL. (*sentando-se. A' parte*) E' necessario esmagal-a. (*Alto*) Sei que é bastante pobre... e como gosto de proteger a classe não privilegiada pela fortuna, venho fazer umas encommendas.

CAR. — Mamãe está ausente, mas estou ás ordens.

CARL. (*medindo-a com insolencia*) — A senhora é a filha de D. Maria e chama-se...

CAR. — Carolina...

CARL. (*pondo a luneta*) — Eu tenho lembrança de a ter conhecido em criança.

CAR. — E' mais feliz do que eu, minha senhora, pois nem

guardo a reminiscencia de tel-a encontrado um só dia em minha vida. . . .

CARL. (*com espanto*) — Não me conhece?! nem por tradição conhece Carlota, a filha de Bazilio de Sepulveda?!

CAR. — Carlota?! Filha de Bazilio!? Inda menos. . . Perdô-me, tenho pessima memoria.

CARL. (*despeitada*) — Assim parece. . . Porém fallemos do que aqui me trouxe. . . desejo um vestido, quero o bem feito, e desde que não seja, pago-o, mas não o accito. A senhora poderá vestil-o.

CAR. (*com voz doirada*) — Carlota! Porque me insultas? Somos pobres, mas não esmolamos as migalhás de tua meza.

CARL. — Ah! já me conheces, Carolina?!

CAR. — E' verdade, conheço-te; mas ha grande differença entre minha amiga da infancia e a Carlota de hoje!

CARL. — Differença!

CAR. — Muita! minha amiga de infancia era ingenua e simples, boa e sympathica, e tu hoje és a vaidade, o orgulho e até a deshumanidade em pessoa!

CARL. — Me tratas mal! . . . Abraça-me, Carolina e sentirás que meu coração não mudou. (*Abração-se*).

CAR. — Mas tu, Carlota, porque vieste de proposito offender-me?!

CARL. — Eu sou uma louca. . . . Fabio fallou-me tão bem de ti que tive ciumes! Eis tudo. Perdoa-me.

CAR. — Tu o amas?

CARL. — Não sei mesmo. . . Eu tenho ciumes de tantos moços! . . . .

CAR. — Meu Deos! Onde está teu coração?! Tu dizes isto cem tanta indifferença que mettes dó.

CARL. — Tu é que és uma tolinha. . . Nunca foste a um baile?

CAR. — Apenas imagino.

CARL. — Lá n'este mundo de flores, sedas, risos, luzes e valsas é que calcinei meu coração; deixei-me arrastar por mil protestos e juras de amor, e como ia crendo-os, ia soffrendo desilluzões sobre desilluzões. . . Tudo era mentira! Considera-te feliz Carolina, por nunca teres transposto o portico brilhante d'esses salões doirados, onde uma moça perde com o somno das noites a pureza dos sentimentos e o perfume da alma ainda transbordando harmonias celestes! O baile! O baile! Eu tinha um ideal creado nes meus sonhos de quinze annos, eu amava com todas as forças de minha alma, com a sublimidade da virtude; um amor divino como pode tel-o o seio virgem, que começa pela primeira vez a sentir falta de um outro ente para complemento de sua felicidade sobre a terra.



Fui credula e timida atraz do mimozo ideal nos salões do mundo ! E sabes o que encontrei ? Um vocabulario estudado, sorrisos fementidos, lagrimas de crocodilo, olhares mentirosos e uma etiqueta que infringe toda a singeleza natural, uma vaidade extrema, e uma pompa e luxo por méra fatuidade ! Quando cheguei a taes considerações, Carolina, meu coração estava morto fenecera, petrificara-se, para tudo que é grande, nobre e bello. Hoje que conheço o mundo, frequente os bailes, mas apenas vou tirar uma vingança . . . um constante dosforço . . . Eu amo no emtanto ; mais longe de elevar-me, por quanto nas classes privilegiadas o interesse e as mais estupidas conveniencias substituirão ao sentimento, desci, fui amar uma creatura a quem todos votão desprezos . . . Se o mundo soubesse me lançaria á irrisão e ao pelourinho do opprobrio !

CAR. (*com presteza*) — Fallas de Fabio ?

CARL. — A' Fabio, como aos outros, voto o meu odio implacavel ! Entretenho-o com caricias mentirosas !

CAR. (*Enquanto que Carlota falla vai denotando a mais expansiva alegria*) — Carlota . . . agradecida . . . mil vezes agradecida . . . Hoje posso ser tua amiga sincera como outr'ora . . . Então Carlota é verdade que tu não o amas ?

Se soubesses como esta declaração me torna feliz, como te sou grata ! . . . O' dá-me tuas mãos, deixa que eu as beije com toda a effusão de meu agradecimento . . . mil vezes agradecida ! (*Quer tomar as mãos de Carlota, esta que tem ido enquanto ella falla, desde a admiração até a colera, repelle-a bruscamente.*)

CARL. (*com sarcasmo*) — Então, Carolina me atraíçoavas ? ! Sabias que era meu noivo e procuravas arredal-o de mim ? ! E tinhas tantos encantos que o fazias esquecer um compromisso ? ! Ah ! Pois bem, Carolina, hei de casar-me com Fabio.

CAR. — O' tu não serias capaz de tanto ! não . . . não o creio . . . Eu o amo é certo, mas guardei no seio este sentimento até o momento em que me disseste odial-o . . . nem Fabio sabe o que sinto.

CARL. (*o mesmo*) — E' uma indignidade o atraíçoares-me, o ambicionares a riqueza de um homem ! Todo o mundo é assim ! O interesse predominando a todos os corações ! . . . Hei de vingar-me de ambos . . . Fabio será meu marido em breve.

CAR. — Carlota.

CARL. (*o mesmo*) — Queres ameaçar-me ? ! (*Rindo-se*) Ha mulheres que se perdem nas salas doiradas, eu sou d'ellas ; mas tu ? ! . . .

CAR. (*com altivez e com a voz magoada*) — E eu posso perder-me hombrecando-me com a Sra . . . Saia . . . Está em minha casa.

CARL. (*falando para a rua*) — Lacaio vem responder aqui a esta mulher que a casa de que me expulsa, pertence a minha herança. (*Sahe*)

SCENA VII

Carolina e depois Maria.

CAR. (*cahindo choros sobre uma cadeira*) — Fabio tinha razão... oh! quanta affronta! que mal lhe fiz eu? Meu Deus! que dôr! Minha mãe! (*Maria entrando, corre a elle*)

MAR — Que tens Carolina?

CAR. (*cahindo lhe chorosa nos braços*) — Minha mãe! (*Ouve-se o rodar do carro que se retira*) aquelle carro passou-me sobre o coração. (*cche o panno.*)

FIM DO 1º ACTO

# DISCURSO

PROFERIDO NA SESSÃO MAGNA DO PARTHENON PELO SEGUNDO

ORADOR JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS.

Illustre auditorio.

Como ha seis annos, ainda hoje me cabe, immerito cícito do *Parthenon Litterario*, o honroso e grato dever de dirigir-vos a palavra em nome desta ardida e illustre mocidade que, cheia de crenças e patriotismo, conscia de seu valor e abnegação e anhelante de glorias, se congrega em torno dos perystilos do templo sobre cuja cuspide flammea ovantea brilhante insignia da litteratura.

Ha seis annos... repito-o, e o faço com abundancia de eccração, com o desvanecimento d'esse justo orgulho que se nobilita pelo trabalho, pelos sacrificios, pela dedicação de um sacerdocio!... Ha seis annos que para comvosco contrahi uma divida sagrada... fazia-vos então uma promessa, que nos emanava d'alma exuberante de fé, da consciencia de nosso esforço e vontade, e que se ia além encarnar em uma esperanza fundada e lisongoira.

Hoje expira esse prazo ; hoje eu venho pagar essa divida!... e para fazel-o, nada mais será mistér do que recordar-vos que no infinito itinerario da eternidade lança hoje o *Parthenon* o sexto marco de sua existencia, e que durante essa longa e asperrima peregrinação seus impavidos romeiros não cançarão, não entibiarão, não vacillarão, nem desfallecerão um dia, uma hora, um minuto sequer!

Para pagar-vos essa divida, bastará lembrar-vos que estes ardorosos obreiros da civilisação, pela idéa e pelo exemplo, trava-

rão rudes e desiguaes combates, mas que após elles desfraldarão gallardo e victorioso sobre os sombrios bastiões da ignorancia e do scepticismo o labaro sacrosanto da revolução e da conquista, que ao seculo XIX legou o seculo XVIII, no momento solemne em que, dobrando o joelho sobreos degráos saugrentos, entregava o collo aos gumes da guilhotina ! . . .

Bastará rememorar-vos que, mesmo perseguido e calumniado, o *Parthenon* conquistou sempre a *sympathia publica*, que mereceu sempre o apoio da opinião, que ampliando-se em nobres titulos acaba de ser consagrada pela representação nacional, que lhe estende a dextra poderosa para ajudal-o a proseguir em sua benemerita missão . . . que encontrou sempre a popularidade a estimular-lhe o heroismo desde esse celebre dia 18 de Junho de 1868, em que um pequeno pugillo de moços estudiosos e perseverantes jurarão a alliança do bello, do bom e do justo, até aquelle em que evocando o Evangelho e a patria implorava pelas ruas da cidade, de porta em porta, como o mais humilde dos mendigos, um obolo . . . mas o obolo que não desdoura, que honra, que ennobrece áquelle que o dá tanto quanto áquelle que o implora . . . a esmola da caridade e do patriotismo, para ir applical-a na redempção dos vilipendiados Prometheos do seculo, dos miseros descendentes de Cham ainda atados ao negro Caucaso da escravidão . . . para arrancar dos ferros do captiveiro miseras creanças, entregando-as a liberdade, a cujo amplexo fraterno devião sarar as feridas do corpo, as ulceras que carcomião cincoenta consciencias !

Liberdade ! Liberdade ! Divindade sublime, que arrastas os povos a morte e a gloria, á ti a minha adoração . . . á ti o meu sacrificio ! . . .

Polo magnetico que attracs á ti toda a humanidade ; — iman providencial que animas, abalanças, moves, electrizas esse titanico cadaver d'além dos mares, que os seculos e a civilisação galvanisação, que na grande divisão geographica se chama o continente europeu, á ti todos os votos de minh'alma, toda a minha vida ! . . .

Liberdade, tu foste a Pythonisa que inspiraste o genio, o astro radiozo que desvendaste a Colombo estas regiões do novo mundo, onde tu te trituras com o balsamico perfume das flores, que em diaphana nuvem de effluvios, revoltecia e sobe em spiracs da grande caçoila da creação até ao Creador . . . onde tu és a luz das alvoradas, o hymno do pôr do sol, a melodia sublime do cantico das aves, dos murmures do regato, do sussurro das selvas, do estrepitar das catadupas, do ulular magestoso dos mares ! . . . onde tu te ostentas omnipotente nas convulsões volcanicas que estremcem as cordilheiras, no raio que as esfacella, no oceano que estrebucha em colossacs paroxismos arrojadõ da foz do Amazonas

do Missisipi e do Prata... onde te elevas magestática na grimpã altaneira dos Andes, que se encrava nos céos... na côma vetusta desses gigantescos vultos do reino vegetal, em que pousão as nuvens... onde te diffundes no ether, no anil desses horisontes sem fim... onde és tremenda na voz do jaguar e da bôa, que em horridos silvos, em urros medonhos estrugem os echos dos sertões virgens, onde és forte no braço indiano que, ao tiro certo da freha derriba a tapyr, e ao golpe do tacape esmaga a serpente... onde és prophética no verbo eloquente e irresistivel que doma o selvagem... transformando o barbaro em um ser juridico e politico, em cidadão de um paiz culto e livre!

Liberdade! Liberdade! Casta e dilecta filha de Deus, sublime essencia increada, tu és o primeiro hausto que aspira o recém-nado, tu és o ultimo sopro de vida que expira no labio moribundo do filho da America!... Tu não podias consentir a macula roxo-negra na bandeira das estrellas, nem no pavilhão do Cruzeiro!

Perdão, senhores, ao meu descarrilhamento. Prêa do entusiasmo que vós inflammais-me n'alma, transpuz insensivel, inscientemente a celyptica a que fatalmente devia circunscrever a minha tímida translação... Não sou eu, fallando por mim: sou o incompetente órgão á quem o *Parthenon* confiou um mandato simples, restricto. A minha missão é apenas fazer-vos syntheticamente o historico d'esta illustrada associação, que tão obscuramente se faz representar, porque ella não tem mais nem Nery, nem Affonso Marques, nem Ferreira Neves... essas randacs de eloquencia, sorveu-as o abysmo da Eternidade!... esses labios de onde se desferia a palavra coruscante e luminosa do genio, sellou-os a morte para sempre...

A nossa existencia não conspira nas trevas e nem impõe o sigillo; escôa-se á luz da discussão e da maxima publicidade: tem sido o cultivo das lettras, a predica moral e instructiva tendendo a illustrar o espirito e formar o coração do homem, á quem cabe rehabilitar a sociedade.

Formando um nucleo, procuramos attrahir para compartilhar commoscoda cultura moral, do desenvolvimento da intelligencia a essa mocidade que, ociosa e inexperiencede se esterilisava na inercia, ou crestava as candidas flores de suas primaveras tão louçãs nas lavas das paixões mal dirigidas.

Creando um curso de aulas nocturnas, offerciamos ao proletariado e ás classes menos favorecidas o pão do espirito — igual áquelle que, ainda malfadadamente em nosso paiz, só se apresen-

ta na mesa adornada pelos brazões heraldicos, ou pelos grotescos arabescos da fortuna.

Instituindo os sarões litterarios tinhamos por objectivo infiltrar no animo publico o gosto pelas bellas lettras e artes, attra-hindo-o inconsciente, seduzindo-o pelo bello ao bom e ao justo.

Estabelecendo a tribuna das discussões, e após a das conferencias, trabalhavamos para derramar d'ella a palavra da moral, da verdade e da sciencia, fazendo d'ahi a apologia das ideias retemperadas de virtude, de patriotismo e de instrucção que tão avidamente tem sido ouvida, e tão brilhantes fructos tem produzido.

A essa tribuna, creação e desvelo do *Parthenon*, tem já subido notabilidades das mais conceituadas; n'ella conquistarão renome noveis e predestinados talentos, e d'ella partio o brado emancipador da mulher, levantado pela primeira vez no imperio por uma distincta senhora e illustrada preceptora, que a grande somma de conhecimentos reúne os mais brilhantes dotes da oratoria.

Fundando uma bibliotheca, que acaba de tornar-se publica, ainda ao *Parthenon* cabe a gloria de um grandioso commettimento, que não esvaeceu embryonario, porém que progride dia a dia, que é uma faustosa realidade.

Vai já longo o meu discurso. Deveis, respeitavel assembléa, estar fatigada com a palavra insulsa e tosca, que vos atroa os ouvidos... eu devo, e vou terminal-o mesmo porque... como eu, sabeis todos o que temos feito, o que pretendemos fazer: sabeis auditorio illustre, que a nossa existencia é commum á vossa, que as nossas accões tem obtido a vossa consagração, e que as nossas aspirações são as vossas esperanças!

---

# ● LEQUE DE MARFIM

Á J. A. VASQUES

## VII

### APPREHENSÕES PATERNAS

Triste e melancolico andava o doutor agora.

Passeios, amizades e até a companhia de seus pais tudo esquecera; a solidão de seu gabinete era a athmosphera, onde elle respirava.

Sua mãe vivia amofinada vendo o rapaz de um momento para outro, triste e pallido, com um fastio de morte e cheio de tedio de tudo e de todos.

Uma noite ella conversava com seu marido em voz baixa para que ninguem os escutasse

— Mas o que dizes a isto Bernardo?...

— Não sei...

— Mas é preciso darmos um geito a isto. O rapaz não come, não dorme, não falla...

— Talvez sejam saudades do Rio...

— Alguma paixão... Já tenho pensado...

— E nem pôde ser outra cousa, juntou o marido sacudindo a cabeça.

— Mas se fosse alguma paixão que elle lá deixou, estaria triste desde o primeiro dia que cá chegou...

— Então não sei o que seja Pulcheria.

— Não achas bom chamar um medico para examinal-o?!...

— Mas elle queixa-se de alguma cousa?...

— Não...

— Então para que medico?!...

— Sempre é bom, Bernardo...

— O melhor é esperar mais alguns dias e se a cousa continuar assim, eu fallarei com elle mesmo

O unico medico capaz de restituil-o ás antigas alegrias, e tornal-o expansivo e folgazão como d'antes, era Alzira.

Se Alfredo tivesse plena convicção que ella se lembrava de si ao menos uma vez no dia, então aquellas sombras de tristeza que lhe ennublavão o rosto, fugirião como as sombras da noite aos raios do alvorecer.

Aquella mulher constituia agora a sua ventura, a sua ambição e a sua vida.

Sem Alzira tudo era um dezerto sem luz, sem ar e triste como um sepulchro.

Oh! coração humano, como tu és poderoso! Como de um dia para outro transformas as nossas naturezas.

## VIII

### O IDEAL DE ALFREDO

O Dr. Alfredo tinha agora esquecido completamente a travessa bailarina do Alcazar.

Alzira era pois o seu unico pensamento, a sua alma, a sua vida e futuro.

Ora expandia-se em alegrias, ora, de subito, mergulhava a fronte n'um mar de scismas, e outras vezes enrugava a testa, tinha o olhar espantadiço em que revelava nma idéia sinistra.

E querem saber porque de um momento para outro, este moço tomava um aspecto funebre e sanguinario?!...

Alzira lhe dissera a primeira vez em que o vio, que se não tivesse achado o leque, havia de choral-o eternamente.

Foi o quanto bastou.

Mil pensamentos amargos vierão aninhar-se no cerebro ardente do mancebo.

Aquelle leque, dizia elle, é nma lembrança do seu primeiro amor; é uma pagina do livro de sua alma, e que ella ainda hoje relê, porque choraria a sua falta, se o perdesse...

Esses pensamentos atormentavão o espirito e o coração apaixonado do estudante.



Se fosse assim, elle não a queria por preço algum. Era egoista como elle só. O ideal de seus sonhos era realmente uma criação sublime, vazada nos moldes mais caprichosos de sua alma exigente e poetica.

Para elle a mulher escolhida pelo seu coração devia ser: bella como um ideal helleno; pura como Suzana, e que só tivesse corado pela primeira vez ao seu olhar de fogo; capaz de toda a abnegação e sacrificio por si, e resignada e forte nos dias tormentosos da existencia.

Eis a copia fiel da creatura que o Dr. Alfredo sonhára achar n'este valle de lagrimas e que afinal não havia de encontrar, embora vivesse vinte seculos e andasse como Diogenes de lanterna accessa ao meio dia.

Mas encontraria elle em D. Alzira essa creatura privilegiada? E' o que eu não sei; o certo é que elle amava-a loucamente.

## IX

### TRANQUILIDADE DO DOUTOR

Dez dias havião decorrido que o doutor estivera pela primeira vez em casa de D. Margarida.

Dez dias!... Se se póde chamar dia este espaço immenso de 24 horas para um coração auzente, que soffre, geme, anccia e suspira para sentir o halito perfumado da mulher que se ama delirante.

Dia de 24 horas é para o braço que trabalha, para o espirito que só vive entre as paredes do craneo, e não para aquelle que sonha e ala-se nas azas d'oiro da phantasia a magicas regiões, onde o capricho levanta walhalas diamantinos e frue as doçuras eternas de encantado paraizo.

Eis porque Alfredo vivia agora triste, melancolico, reconcentrado e pallido das longas vigílias a que estava condemnado pela paixão ardente que lhe inspirára a menina do leque de marfim.

N'essa tarde o Aparicio o fôra visitar.

— Então, doutor, já ninguem o vê... Tem andado doente, interrogou o Aparicio, apertando-lhe a mão.

— Não.

— Está tão pallido... Parece que esteve bem doente...

— Apenas vigílias...

— Vigílias!... juntou o Aparicio, sorrindo-se.

— Admira-se... Em mim é tão commum...

- Não sabia... Julgava que era...  
— Saudades do Rio...  
— Não... A aurora de um amor...  
— Não sei.  
— Para mim não resta duvida que é o mal que lhe affectou.  
— Mas como acredita n'isto com tanta convicção, interrogou o moço com vivo interesse...  
— Porque creio que ha aqui uma mulher que o ama tambem.  
— E seu nome?...  
— Pergunte ao seu coração.  
— Não o comprehendo...  
— Pois bem, sejamos francos... Lembra-se do leque de marfim?...  
— Alzira!  
— Sim.  
— E como sabe de sua afeição?...  
— Vive triste, pensativa e tambem não dorme desde que o senhor esteve em sua casa... e depois sua mãe me fal'a sempre do doutor com tanto interesse...  
— E' bondade de seu coração...  
— Não duvido; mas acredito que ha mais alguma cousa... Olhe... aqui trago um convite de D. Margarida para o senhor ir amanhã jantar com ella... D. Alzira faz 17 annos...  
O doutor recebeu nadando em prazer o convite de D. Margarida, mas no meio de suas doces expansões uma ideia o vinha ainda entristecer...  
— Quem lhe deu aquelle leque, que ella tanto amava?  
Esta interrogação era o phantasma que vinha sempre perturbar todos os seus sonhos d'ouro.

X

O AMOR OS TRAE

No dia seguinte o Dr. Alfredo não se fez esperar em casa de D. Margarida.

Mal soára a primeira badalada das 3 horas quando o doutor entrára na sala, onde estava D. Alzira, sua mãe e o Aparicio.

E' escusado dizer que o Aparicio veio logo recebê-lo á porta e teve a bondade de guardar o seu chapéo e a bengala.

Alzira estava pallida, d'esse pallor divino que nos prende e seduz, e mal deu com o olhar apaixonado do amante embebeu o

rosto n'uma aquarella de purpura. D. Margarida saudou-o com a mais doce amabilidade.

Apezar da honrosa recepção que tivera e da distincção de associar-se as alegrias d'essa familia, o Dr. Alfredo estava meio constrangido, ou por outra sentia-se completamente deslocado ali.

Não sei se era por não ter bastante intimidade, ou porque sentia-se dominado pelo olhar de fogo d'aquella mulher que talvez lhe dêsse a vida ou a morte; ou finalmente por todas essas razões, o certo é que o moço estava realmente acanhado n'aquella intima reunião.

Porque metamorphose passava Alfredo?!...

Quem o visse dias antes e o encontrass; agora não o conheceria. Não era mais aquelle leão da moda, alegre, jovial, amigo de festas e adorador de quanta mulher bella passava junto de si, rescendente de perfumes.

Fria, pois, começou a conversação entre elles; só D. Margarida e o Aparicio crão os que fallavão. Os apaixonados estavam mudos e se não conhecessemos os sentimentos de ambos diriamos que estavam radicalmente aborrecidos um do outro.

E não era para menos. Ambos respondião só quando era impossivel deixar de fallar. E assim estiverão até a hora em que passarão a sala de jantar, aquelles dois corações cheios de amor e cheios de revellações.

O amor tem as suas liberdades, mas tem tambem seu cortejo de timidez, de duvidas e pudor.

Só quem amou, pois, é que pôde avaliar as exigencias e a luta d'esse santo sentimento.

Continúa.

ACHILLES P. A.

## DAVID CANABARRO

---

Abaixo publicamos alguns dados sobre a vida do illustre cidadão David Canabarro.

A delicadeza de um distincto commerciante o Sr. João Canabarro devemos esses valiosos apontamentos.

Oxalá o exemplo do Sr. João Canabarro encontre imitadores!

Se a *Revista* tem o dever de registrar em suas paginas a vida dos nossos vultos eminentes, aos parentes e amigos d'estes, cabe tambem o imperioso dever de auxiliarem a redacção da *Revista*, concorrendo com o que estiver a seu alcance para a elaboração das biographias.

Nasceu o general David Canabarro a 22 de Agosto de 1793, na villa de S. José de Taquary, pertencente a provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul, sendo filho legitimo de José Miguel Coelho e de sua mulher D. Marianna Ignacia de Jesus. Seus pais pouco abastados de fortuna, mas honestos e laboriosos, o educaram no trabalho que lhe garantia modesta subsistencia; attingindo a idade de 21 annos assentou praça no regimento de milicias n. 20 da comarca de Porto Alegre, passando logo a cabo de esquadra.

Assim marchou com seu regimento no anno de 1815 para o Estado Oriental contra o general Artigas. Assistio as batalhas de Ibirocay e Serro de Sant'Anna, aquella commandada pelo general João de Deus Menna Barreto, a outra pelo general Oliveira Alvim; assistio tambem a memoravel batalha de Catalãa, commandada pelo capitão-general do Rio Grande o marquez de Alegrete, na qual foi ferido, bem como a de Chapiquié commandada pelo referido general Menna Barreto; finalmente se achou no

combate de Queguay ao mando do então coronel Bento Manoel Ribeiro.

Recolheu-se d'essa affanosa campanha ainda cabo de esquadra, a despeito dos valiosos serviços que prestou.

No anno de 1823 marchou contra a praça de Montevidéo occupada pela divisão de voluntarios reaes que disputava a independencia do Brazil.

Rebentando em 1825 a revolução para independencia do Estado Oriental, marchou logo para a campanha d'esse Estado, sendo então elevado a furriel.

Assistio ao combate de Queguay dado pelo general Bento Manoel Ribeiro, em cujo combate foi ferido, e a batalha de Sarandy commandada pelo referido general. Em principio do anno de 1827 passou a tenente para o regimento de Lunarejo; assistio a batalha do passo do Rosario commandada pelo general marquez de Barbacena a 20 de Fevereiro de 1827; ende notou-se que em todas as batalhas e combates em que se empenhou o general Canabarro, sempre se distinguio por sua incontestavel bravura mas em Março de 1827 prestou ainda muito assignalado serviço ao Brazil por um acto de verdadeiro heroismo, quando a testa de um esquadrão que seguia em diligencia, se arrostou com esse pugillo de bravos contra a vanguarda da columna do general Alvear, dando assim tempo a que cavalgasse a divisão do general Sebastião Barreto que se achava a pé, divisão que seria infallivelmente batida se lhe houvesse faltado tão valioso apoio: feita a paz em Agosto de 1828, voltou o general Canabarro á vida privada e a custa de incessantes esforços, trabalho e honradez adquirio modesta fortuna, no goso da qual se achava quando esposou a causa da revolução da provincia do Rio Grande do Sul que rebentou a 20 de Novembro de 1835, prestando á mesma revolução muito valiosos serviços: sendo por seus feitos elevado successivamente a tenente-coronel, coronel e general, tendo ultimamente assumido o commando do exercito republicano, em cuja posição se achava quando com toda lealdade foi celebrada e firmada a paz com o general barão de Caxias, hoje duque do mesmo titulo.

Voltando á vida privada tratava de consolidar sua fortuna abalada durante a guerra civil; mas o governo imperial convencido de quanto interessava á provincia os serviços do bravo veterano, o elevou a brigadeiro honorario, commandante superior da guarda nacional e commandante da importante fronteira de Quarahy, cargo que por longos annos desempenhou com firme dedicação e honestidade.

Quando em 1851 se organisou o exercito brasileiro que fez parte da cruzada contra Rosas, o bravo general Canabarro depois

de concorrer eficazmente para a prompta reunião e marcha do mesmo exercito, foi pelo distincto general em chefe, nomeado commandante de uma divisão de cavallaria que marchou na vanguarda, cargo que, como sempre, desempenhou com zelo e actividade: concluida a gloriosa campanha com o triumpho das armas alliadas, voltou ao exercicio de commandante da fronteira e da guarda nacional, promovendo ali as reuniões para occupação do Estado Oriental em 1864, em cuja epocha por ordem do governo imperial ficou a testa das poucas forças que guarnecião as frentes de Quarahy e Missões; quando em 1865 foi o territorio rio-grandense invadido por forças do Paraguay ao mando de Estigarribia; o bravo veterano a frente da pouca força de que podia dispor se poz a testa do inimigo, contornando este, e o privando dos recursos necessarios e do proprio sustento, até que o forçou a internar-se na villa de Uruguayana onde rigorosamente sitiada foi toda a força feita prisioneira: este incruento triumpho foi na maior parte devido ao tino e prudencia que á imitação do antigo Fabio guardou o general Canabarro. Uma imprudencia de sua parte comprometteria a sorte da provincia, cuja segurança lhe fôra confiada.

Tão assignalado serviço não foi bem aquilatado e despertando antigas rivalidades politicas deu em resultado a suspensão do commando que lhe fôra confiado sem que ao menos lhe fosse dado justificar-se perante um conselho de guerra que incessantemente solicitou. Tão clamorosa quanto revoltante injustiça no ultimo quartel da vida lhes trouxe amargos dissabores que agravarão antigos padecimentos physicos, permanecendo em sua fazenda n'essa afflictiva e dubia posição, até que foi nomeado commandante geral das forças brasileiras contra o Paraguay o distincto general duque de Caxias, que empenhou sua antiga amizade com o illustre veterano para que voltasse ao serviço secundando seus nobres esforços; este pedido de um amigo sincero e dedicado a quem devia verdadeira gratidão pela lealdade com que sempre se houve, venceu a reluctancia em que se achava e voltando ao serviço concorreu eficazmente para a organização do 3º corpo de exercito; achando-se n'esse louvavel empenho, uma terrivel enfermidade o fez em poucos dias succumbir a 12 de Abril de 1867.

O general Canabarro havia em 1837 contrahido matrimonio com sua virtuosa tia D. Eufrazia Ferreira Canabarro que falleceu a 18 de Janeiro de 1851, casando em segundas nupcias com sua cunhada D. Leonida Canabarro, viuva de João Martins Canabarro, a 19 de Janeiro de 1867. Os restos mortaes do finado general David Canabarro, jazem em um cemiterio feito em sua fazenda juntos aos de dois irmãos e amigos.

## DISCURSO

PRONUNCIADO NA SESSÃO ANNIVERSARIA DO PARTHENON LITTERARIO PELO ORADOR DA SOCIEDADE — CULTO A'S LETTRAS —

Senhores!

A sociedade *Culto ás Lettras* partilhando do enthusiasmo de que se acha possuido o povo d'esta capital, pelo brilhante acontecimento que ora commemoraes, vem saudar-vos na pessoa de seu mais obscuro orador.

Ao mesmo tempo que palpita-me n'alma o prazer de cumprir tão grata quão honrosa missão, sinto sobremodo não poder desempenhal-a satisfactoriamente pela exiguidade de meus recursos intellectuaes.

Desculpai-me, pois.

.....

O dia de hoje, senhores, inspira ao *Culto ás Lettras*, assim como a toda a população da provincia, um legitimo enthusiasmo! Elle lembra o dia 18 de Junho de 1868, em que alguns mancebos esperançosos, unindo-se, installarão o *Parthenon*, o primeiro nucleo litterario do Rio Grande do Sul!

O passo que destes foi bastante arrojado, era pois necessario não retrogradar. E vós, batalhadores denodados que estaveis convictos da santa missão que cumpríeis, tivestes a coragem precisa para não consentir que o gelo da indifferença, a ironia da inveja e o sarcasmo da ignorancia, viessem derrocar o monumento, que a custa de tantos e tão assignalados sacrificios tinheis conseguido erguer!

A litteratura de nossa provincia vos deve muito, porque fostes vós, que, erguendo-a do abatimento em que jazia, trabalhais para collocal-a no pedestal a que tem direito!

E não foi só a causa das letras que mereceu a vossa attenção.

Quando um dia depuzestes o livro do estudo e vos voltastes para a causa da humanidade, para a causa da civilisação, destes então um exemplo edificante do mais santo patriotis-mo!

Ainda recordamo-nos da memoravel data de 18 de Setembro de 1868, em que o *Parthenon*, essa criança de hontem, com seu prestigio, quebrava as algemas que suffocavão cincoenta consciencias, para restituir á patria, cincoenta cidadãos!

Factos d'esta ordem, fizerão com que o nome do *Parthenon Litterario*, repercutisse desde as margens do Gualhyba até ás plagas do Tejo!

Em face de vossos brillhantes commettimentos, a sociedade *Culto ás Lettras* vossa modesta irmã, vem hoje, no dia de vossas glorias, render-vos as mais justas e sinceras homenagens, almejando que continueis n'essa senda, onde tendes coihido muitos louros e engrandecido a patria!

Tenho concluido.

VASCO DE AZEVEDO.



O REGATO

Branda veia de lympha argentina,  
Brando fio de puro crystal,  
Que percorres festivo e cadente  
As areias do fundo do val ;

Branda veia de lympha argentina,  
Que reflectes as côres do céu ;  
Que t'escondes nas sombras da noite  
Qual a lua das nuvens no véo ;

Terno filho da fonte saudosa  
Que brotára no ermo alcantil  
Que não temes a ira dos ventos  
Nem do raio o medonho fuzil,

Vem contar-me os segredos das selvas,  
Os mysterios da tua soidão ;  
Repetir-me essa voz que a natura  
Faz ouvir n'esta immensa extensão.

Vem contar-me o que dizem as aves  
N'esses cantos que ha pouco escutei  
São amores felizes e castos ?  
Alegrias que eu já olvidei ?

Vem contar-me o que dizem os echos,  
Que vão brandos longinquos ferir ;  
Que sussurrão as brisas da noite  
Quando a lua desponta a luzir.

Não te assuste o meu baço semblante,  
O languor de meu tímido olhar ;  
S'inda estão da alvorada na vida  
Cruel dôr já me intenta matar.

Mas tu corres, zombando insensivel  
Do convite e da queixa que fiz ?  
Tu não podes sentir o qu'eu sinto,  
Eu invejo o teu fado feliz.

J. VESPUCCIO DE ABREU E SILVA.

11 de Outubro de 1848.

---

## O PAMPEIRO

Á HILARIO RIBEIRO

Era esplendido o dia ! Em céo rosado  
Aurora se acordára sobre gazes  
    Franjada de fulgor ;  
O lago de crystal era tranquillo.  
E a aboboda frondosa da floresta  
    Brilhava de primor.

Era esplendido o dia ! O rei do espaço  
No sendal do infinito rutilava,  
    Sobrenadando em luz . . .  
E as flores das campinas se banhavão  
Nas leves gotas de celeste orvalho,  
    Que lhes cahia a flux.

Era esplendido o dia ! Mansa brisa  
De aromas recendendo perpassava  
    No verde laranjal ;  
Branca nuvem no céo corria azinha  
Como um floco de espumas sobre as ondas  
    Aos sons do vendaval.

Era esplendido o dia ! Alva neblina

Aureolava o cimo de altos serros,  
Cahida lá do céu.  
Em aureo throno de festões ornado  
Fulgia resplendente a natureza,  
Envolta em fino véo.

Mas, longe, nas devezas das savanas  
Um silvo agudo repercute os ares,  
Quebrando as amplidões;  
E' elle! ativo rei dos vendavaes,  
Que rebrame na coma dos palmares  
Sem peias, sem grilhões!

Silencio! . . . eil-o que chega  
O monarcha dos sertões,  
Traz seu piquete de navens,  
E na furia seus brazões.  
E' livre! não tem senhores  
Que o detenhão na carreira;  
E' livre! vem lá dos Andes,  
D'essa vasta cordilheira.

Ululando como as vagas,  
Que rugem sobre escarcéos,  
Correndo passa nos ares  
Como as nuvens lá nos céos.  
Ligeiro qual uma setta,  
Em tão medonha voragem,  
Deita por terra a ramagem  
Da mais frondosa floresta.

Quando passa, pende o cedro  
Sua copa para o chão,  
E seu madeiro pesado  
Ribomba como um trovão.  
Verdejante taquaral  
Sobre redes de cipó,  
Em uma orchestra infernal  
Vai rastejar pelo pó!

Em desabridas refregas  
Ergue a folhagem no ar,  
Em mil cachopos de espumas  
Sacode as vagas no mar.  
E, se veste portentoso  
Magesiosa realeza,  
Em seus élos abalada  
Geme toda a natureza!

Quando ronca foragido  
Pelas grimpas d'altos montes,  
Abre bojo sobre as nuvens,  
E perpassa os horisontes.  
E lá no cimo dos Andes  
Rebrame com tal furor,  
Que roja logo por terra  
O mais ousado condor!

E n'um horrído estrugir  
Dansão em furia os elementos  
Quando n'harpa da natura  
Canta forte o rei dos ventos!  
E, correndo immensos ares,  
Grita ativo e soberano:  
« Sou Sudoeste dos mares!  
« Das campinas Minnana!  
« E Pampeiro dos palmares!

AUGUSTO TORTA.

## O SUICIDA

(Á LOBO BARRETO)

Quando a dor funda lacera  
Fibra á fibra o coração,  
È o homem tomba vencido  
Na luta de uma paixão,  
Não domina o ser pensante,  
E' muda a voz da razão.

Resta só vital instincto  
Apego ao nada que é ;  
Mede a dôr, mede o abysmo,  
Recúa e fica de pé ;  
Crenças não tem, nem se abraça  
As aras santas da fé.

Masse a desgraça, — mais fundo  
Desfechu o golpe mortal ;  
Alma impotente não vence  
O seu destino fatal :  
Após a luta, se abysma  
Da morte no tremedal !

E será fraco o precito  
Que o mundo inteiro infamou ?  
Resvalando em novo abysmo  
Que um outro abysmo cavou ?  
Houve um destino mais forte  
Que a consciencia algemou !

Houve uma luta cruenta  
Em que offuscou-se a razão !  
Houve um mysterio profundo  
Segredos do coração !  
Quem separa a luz do raio ?  
Quem detem o furacão ?

Na senda escura que trilha  
Não vê um raio de luz ;  
Busca as paixões infamantes  
Onde a desgraça o conduz.  
Mas foi crente — a fé profunda  
Renegou-a aos pés da cruz !

Quantas noites de incerteza !  
Noites longas d'agonia !  
Não voltou aos céos a face  
Onde a esperança irradia,  
Nem da fé sagradas preccs  
A su'alma balbucia !

Braço a braço co' o destino  
Lutou, lutou, mas em vão !  
Enfraquecida na luta  
Entibiou-se a razão !  
Resta a materia — repelle-a  
Com soberba indignação.

Não condemnem o suicida  
Que soffreu fundo revez,  
Elle cumprio um destino . . .  
Da Providencia talvez !  
Mas se a dôr excita o crime  
Oh ! Providencia quem és ?

SILVINO VIDAL.

## OS GENIOS

A D. AMALIA FIGUEIRÔA

Os genios são anjos que passam na vida  
Trajando roupagens de immenso fulgor,  
Têm sempre na fronte serena esculpida  
A luz que dimana do eterno Senhor.

São firmes apost'los de crenças ungidos  
Que passam na terra colhendo tropheos;  
São astros errantes que vagão perdidos  
E cedo gravitão ao seio de Deos.

Estrenuos atletas que affrontão martyrios  
Em prol de uma ideia que a mente seduz,  
Nas trevas dos erros — esplendidos cirios  
Que aclarão mysterios com flocos de luz.

Embora os furores de duras procellas  
O lindo horisonte lhes queirão nublar!  
As almas dos genios são como as estréllas  
Que o brilho reflectem na face do mar!

São aguias pairando por sobre a voragem,  
As azas banhando nas luzes dos céos:  
E, aves divinas, na altiva passagem,  
Remontão-se aos seios sagrados de Deos!

Os genios não morrem. As grandes ideias  
Em todos os seculos respendem de luz!  
Os tempos não fazem tombar' epopeias  
Que as almas dos genios derramão a flux!

O gladio da morte não rouba o prestigio  
Da fronte dos genios, os divos florões!  
Se o corpo succumbe no acerbo litigio,

A alma revive nas sacras canções!

.....

Tu, alma divina, que passas vibrando  
Nas harpas dos génios accordes dos céos,  
Que tens os bafejos do zephiro brando,  
Que tens por alfombras virentes trophéos;

Mimosa poetisa, que á gloria revôas  
Ao som dos applausos que os anjos te dão,  
Acolhe entre as rosas das tuas corôas  
Agora d'est'alma sincera oblação.

DAMASCENO VIEIRA.

Porto Alegre, 18 de Junho de 1874.

---

### À MINHA IRMÃ

Guarda estes versos que escrevi chorando  
Como um alivio á minha soledade.

MACHADO DE ASSIS.

Não penses, ai! não julgues que a lagrima das dôres  
Na minha fria palpebra jámais tenha oscillado...  
— Proscripto da ventura nadando em mar de horrores —  
Eu sou um desgraçado:  
Eu já não tenho pai!

Se nos meus labios, Dulce, ás vezes brinca um riso,  
E ainda amiga estrella scintilla no meu céu...  
E' que ainda da esperanza um desmaiado friso  
Dá vida ao peito meu:  
Minha adorada — Mãe!

Mas como um raio pallido da lua em campã fria,  
Ou preciosa perola immersa em lodaçal...  
Assim tambem n'est'alma revive a poesia  
Ao teu angelical  
Sorriso, minha Irmã!

MUCIO TEIXEIRA.

Porto Alegre, 19 de Maio de 1873.

## CHRONICA

Junho de 1874.

Pela voz autorizada do Sr. Dr. Caldre e Fiação consagrou o « Parthenon Litterario » uma homenagem ao talento e virtudes de D. Luciana de Abreu, sem duvida alguma um dos mais bellos ornamentos do magisterio publico da provincia.

A vida da distincta rio-grandense, tão cheia de nobres exemplos de amor ao trabalho, de constancia ao estudo, de dedicacão ao lar, de devotamento ao ensino é a consagração da mulher que se compenetra do seu destino providencial. O enthusiasmo do « Parthenon » por D. Luciana não é pois, um exagero ; é sim um culto legitimo que conquista o talento, que se fez por si, que se encaminhou quasi desprotegido e aureolou-se das mais castas virtudes domesticas. O biographo, porém, aproveitando a occasião, externou mais uma vez o seu pensamento em prol da emancipação da mulher. Pela nossa parte, emitiremos aqui em poucas palavras o nosso humilde juizo sobre tão importante problema. Diverginos do illustrado Sr. Dr. Caldre e Fiação ; essa emancipação absoluta que S. S. proclama seria nociva, tornar-se-hia uma chaga social ; dizemos ainda, seria a inversão, o rebaixamento de um sexo, cuja missão deve ser toda educadora, henefica e moral. Não queremos a mulher ignorante, mas não queremos-a tambem como os adeptos das theorias do Stuart Mill. Os extremos são prejudiciaes

A sociedade moderna quer a mulher livre, primorosamente educada, responsavel de sua dignidade ; mas sempre filha, mãe e esposa, porque este é o triplice diadema de sua glorificação.

Fóra do lar, só antevemos uma nova senda para a mulher brasileira ; proclamar em favor de tão salutar medida, adoptada á em praias cultos, é adianiar uma victoria nacional. Para essa medida, ou antes para essa reforma urgentissima voltem-se todas as vistas que desejão o engrandecimento moral do paiz. Imitemos os Estados-Unidos, demos á mulher a instrucção primaria do sexo masculino ; encarreguemol-a d'essa missão, que se alia á sua natureza.

Quem melhor do que a mulher poderá encarregar-se da educação infantil, ella que foi a escolhida de Deus para sentir as alegrias e dores maternas ?

As excellencias d'esta reforma apregoamos nós ; mas as excellencias da emancipação absoluta, negamol-as positivamente.

Já agora vem á proposito notar uma lacuna sensivel, que escapou involuntariamente ao distincto biographo.

Casualmente lemos ante-hontem na typographia, o resto da biographia e sorprehendeu-nos uma lacuna do Sr. Dr. Caldre e Fiação. S. S. mencionando as manifestações sinceras, de que foi credora a distincta rio-grandense, por parte das senhoras da capital, esqueceu-se de fallar da mais esplendida e expontanea, da ovação do « Parthenon ». Se ha uma data digna de grata lembrança para D.

Luciana, deve ser aquella em que uma mocidade cheia de nobres estimulos levantou-se para carrear o seu talento e as suas virtudes. Cremos ter rectificado opportunamente a lacuna involuntaria do illustrado biographo.

Acabamos de sair do theatro e é com a alma ainda arroubada de enthusiasmo, que escrevemos estas linhas, que não poderão nunca traduzir os nossos applausos á distincta actriz D. Lucinda.

Se ha um drama, em que o genio artistico pôde manifestar-se sob diversas fórmas é a « Estatua de Carne ».

De Maria a Noemia Keller ha uma transicção tão difficil de vencer, são tão oppostos os sentimentos e as paixões, que bem desempenhados, podem ser a pedra de toque da excellencia do artista. Maria é a consubstanciação da mulher casta, que descerra a alma aos suavissimos affectos de um mundo ideal e contemplativo; é um olhar que infiltra toda a poesia do amor, é um labio a distillar o favo melifluo dos sentimentos. Desfêha atada aos cilícios das privações; consola-se no trabalho, cujo producto vai repartir com o ente dilecto de seu peito, mas que lhe vai minando a saude e dia á dia a consome mais. Nesse trabalho incessante, nas suas costuras, estavam todas as suas esperanças; o amor, o enlace, o véo de noiva, o thalamo de esposa. A morte tocou o lyrio e aquelle amor tão grande e cheio de abnegação cobrio-se com o sudario do tumulo. Todas estas inquietações e esperanças, todos estes sonhos e desillusões de Maria, tudo isto soube exprimir D. Lucinda, e com tanta arte que arrebatou.

Mais difficil do que o papel de Maria, é sem duvida o de Noemia.

Foi ali que D. Lucinda revellou os dotes de artista de primeira ordem.

Quem avalia o quanto é dramatico o papel de Noemia, comprehenderá quão perigosa é a sua execução. Todas as difficuldades, porém, vencer-as a distincta actriz; a gesticulação foi perfeita; a paixão, o ciúme, o desespero, o odio, a escala emfim d'estes sentimentos que se mesclão foi vibrada magistralmente.

Confessamos o que se deu comnosco. Quando naroda dos amigos excedião-se os elogios á D. Lucinda pensamos comnosco que havia exaggeração e exaltamento.

Parecia-nos que a novidade fazia esquecer o merito de Antonina Marquelou, o talento de Ismenia, o genio prodigioso de Adelaide Amaral.

Que D. Lucinda é na nossa humillima opinião superior ás duas primeiras, confessamos; superior á ultima não será facil de resolver, quando é certo que ha affinidade na escola de ambas.

Poderá D. Lucinda vir a exceder Adelaide Amaral? O futuro responderá...

Será superior actualmente? Quem se anima a erguer o véo que encobre o esplendor de duas preeminencias artisticas?

Coremol-as, e, se é possivel, enastremos de flores o chão em que pizão estas e aquellas; são filhas todas de uma arte, que precisa ser amparada n'esta terra, onde ella já tem descido demais.

Um senão encontrámos no trabalho de D. Lucinda, e ha de permittir que o externemos francamente. Na scena do carnavaal, quando os demais convivas erguião a taça da folia, Noemia Keller, que era a rainha da festa, a cortezã sem recato e pudor, retrahio-se qual sensitiva, como se fôra n'aquella hora dominada por outros sentimentos que não podião existir.

Noemia, ao contrario, devia ser ali n'aquelle vórtice da loucura e do espasmo, o genio da garridice. Falseou, pois, o papel, D. Lucinda, no 1º acto. Seria porque lhe repugnavaõ os meneios da dança? Mas o que é a arte então?

E demais, a dança, o galope, o proprio can-can, não requerem indecencia, nem quebros impudicos. Se Antonina Marquelou o fez, é porque quiz, e nós a censuramos pelo excesso da desenvoltura.

Entre a actriz e a mulher do lar, medeia a arte; e a arte não admite d'estes escrupulos.



Neste caso D. Lucinda não deveria representar o papel de Noemia Keller, para ser coherente.

Eis o que notámos: mas que em nada desvaneece o talento superior da eximia actriz.

O que diremos do Sr. Furtado Coelho, que já não tenha ouvido de outros muito mais competentes?

Em occasião mais opportuna teremos muito prazer de tratar do seu talento e bem assim do pessoal da companhia.

Realizou-se na noite de 18 de Junho a sessão magna commemorativa da fundação do « Parthenon ».

N'uma das salas do paço municipal, olhequiosamente cedida pela illustre municipalidade, teve lugar a festa litteraria em honra ao 6º anniversario da sociedade.

O auditorio não podia ser mais numeroso e brilhante; o vasto salão, modestamente adornado, estava litteralmente cheio de senhoras e cavalheiros.

Comparecerão 85 socios. A's 8 horas da noite, depois de cantado o hymno da associação, o digno presidente effectivo Sr. Firmiano Antonio de Araujo proferio a seguinte allocução:

O « Parthenon Litterario » commemora hoje o sexto anniversario de sua existencia.

Seis annos de combate se hão escoado no filtro da realidade.

Uma mocidade perseverante e estudiosa pôde conquistar a sympathia da opinião sisuda do nosso paiz.

Ella fez justiça, reconheceu a sinceridade de intenções beneficidas dedicadas no altar da patria.

O « Parthenon » caminha, e caminha firme, porque ao seu esforço se assimillou o valioso concurso do sexo gentil.

Este concurso é uma homenagem aos brilhantes commettimentos dos obreiros do futuro.

O « Parthenon », quer a educação do povo, e, cheio de fé, cheio de esperança avança pela estrada luminosa do porvir!...

Está aberta a sessão.

Em seguida fallarão os illustrados Srs. Ramiro de Araujo, Arthur Rocha, Horta Filho e Vasco de Azevedo, como orgãos das sociedades « Ensaio Litterarios » da corte, « Ensaio Litterarios » d'aqui, « Culto ás Lettras » e « Amor á Litteratura. »

Coube depois a palavra aos oradores do « Parthenon ». Srs. J. Bernardino dos Santos e Apelles Porto Alegre. O Sr. Christiano Kraemer leu um seu trabalho em prosa, em que fez a necrologia de Felipe Nery e Alfonso Marques, de saudosa memoria para o « Parthenon ».

Uma elegante menina, filha do nosso consocio Sr. Luiz Antonio Corrêa tambem proferio um pequeno discurso, que foi muito applaudido.

Recitarão poesias os Srs. socios Achylles Porto Alegre, Augusto Totta, Mucio Teixeira e Damasceno Vieira.

Encerrada a sessão ás 11 horas, começou o baile que prolongou-se animadissimo.

Oxalá que o « Parthenon » prosiga sempre em seu caminho de glorias, cada vez mais robustecido pela fé, pelo trahalho e perseverança. As grandes instituições não medrão tão facil como julgão; requerem pelo contrario muita somma de abnegação e patriotismo: são como as plantas exoticas, precisão de todo o apoio, morrem, se lhes falta a dedicacão e a crença.

● « Parthenon » tem marchado bem, tem feito, sem modestia, o que parecia impossivel realizar. Não lhe faltará comtudo muito a fazer?

Muito, muito... Ainda tem diante de si uma mina vastissima a explorar: a litteratura e a sciencia.

O que é verdade, porém, o que é verdade, santo Deus, é que para estes mineiros do bello e do sublime, do amor, do ideal, do bem e da verdade, para estes mineiros sacrosantos — o suor que lhes escorre da fronte lívida e sulcada, vale pouco, muito pouco ainda n'este paiz !

Em nome do « Parthenon Litterario » agradecemos, com toda a abundancia d'alma, ao Exm. Sr. Dr. Flores, deputado á assemblea geral, o relevantissimo serviço que acaba de prestar á mesma sociedade, obtendo a concessão de duas loterias para a manutenção de suas aulas nocturnas. O « Parthenon » não tem palavras para agradecer ao prestante cidadão o espontaneo e generoso auxilio que lhe dova.

Rematemos a chronica esboçando em breves traços a impressão que cauza-nos a leitura do drama « Victor » do finado Dr. Felix da Cunha.

Seria temeridade nossa tentar uma critica sobre qualquer obra, tanto mais que da simples e rapida leitura que ouvimos, apenas entrevemos os rutilos da poesia, que se derrama em toda a concepção dramatica do chorado rio-grandense.

Contudo pôde-se dizer affoutamente de « Victor », o que se diz de uma ave, cujas plumas multicores rompem o espaço e fugitiva desaparece, deixando-nos absortos.

A leitura foi rápida, mas as bellezas que succedião-se umas apoz outras, vibrarão as fibras da alma de cada um d'aquelles, que, em silencio e repassados de saudades, escutivão os accordes de uma lyra que partio-se, as sublimidades de um genio arrancado ás letras no vigor dos annos.

O que é verdade, é que a obra de Felix da Cunha, vazada em grandes moldes, não parece ser uma primeira tentativa ; adivinha-se ali um engenho fecundissimo, que perdeu a masa dramatica.

Breve teremos o prazer de ler « Victor », e outros trabalhos inéditos, que o Sr. Francisco Cunha colleccionou e vai dar á publicidade.

É um serviço que presta á litteratura nacional e especialmente ao Rio Grande do Sul.

O que desejamos de coração é que obras tão apreciaveis tenham o mais feliz exito e acolhimento.

Terão ?

Será preciso que o Sr. Francisco Cunha ande de porta em porta ?

Só as letras morrem á mingoa n'esta terra... Quem estende a mão a essa mendiga de todos os tempos ?

Nem o povo, nem o governo !

O que faz o governo ? Onde está esse promettido theatro nacional ?

Mas o povo que faz ?

Não cre nos talentos de sua terra ?

Fatal destino peza sobre a litteratura brasileira ! Povo e governo são duas indifferenças que se chocão e esmagão a arte e a poesia.